

- A inflação — José de Oliveira Pinho
 O câmbio — José de Oliveira Pinho
 A Monarquia e a paz social — Miguel Estefno Neto
 Aqui estamos para a redenção — José de Oliveira Pinho e
 Nuno Cabral

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino
 de A. VEIGA DOS SANTOS
 Nas Livrarias

Pátria-Nova

S. Paulo — C. P. 1304
 1 9 6 0



E. M. B. 121
 P. 400

Bases da Educação

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
 Chefe Geral Patrianovista

1. No fundo desse barulho "dirigido", com relação ao projecto de **Directrizes e Bases da Educação**, está a questão da concepção humana e cristã da vida e, especificamente, da educação em face à concepção marxista, socialista, comunista, materialista, aspectos todos esses que essencialmente são **uma só coisa** e se cobrem do equívoco vocábulo "democrático", capaz de todos os mais disparatados conteúdos.

2. É uma atoarda **dirigida**, tem **donos** suspeitos, perversos, e é **anti-nacional**; pois a Nação é católica. E o Estado que se diz "democrático", ou representa a Nação, ou é intruso, estanque, incomunicável em relação a ela, impondo a filosofia totalitária dele, Estado intrusão, contra os sentimentos, a concepção, a mundividência nacional.

3. "É da máxima importância não errar na educação, como não errar na direcção para o fim último com o qual está conexa íntima e necessariamente toda a obra da educação. Na verdade, consistindo a educação **essencialmente** (grifos nossos) na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar verdadeira educação sem que esta seja ordenada para o fim último, assim na ordem actual da Providência, isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho Unigénito que é o único "caminho, verdade e vida", não pode dar-se educação adequada e perfeita se não a cristã!" **Divini illius Magistri**, Pio XII.

4. Excusa, pois, dizer que o homem não deve ser educado **para a democracia**, tenha que sentido tiver esse vocábulo politicamente demagógico, mas para **TODA A VIDA**, actual e futura. Assim pensam pelo menos 99% dos brasileiros, católicos, cristãos em geral e alguns outros.

Aliás, afirma um dos corifeus do **barulho dirigido**: "Em bloco, o substitutivo do projecto de **Directrizes e Bases da Educação Nacional** perfilha uma filosofia da educação, que lhe é imanente, avessa à educação democrática". E, afinal de contas, que se entende por educação "democrática". Trata-se de "uma filosofia oficial não expressa mas imperativa, laicista em sua natureza e laicizante em sua operatividade, no tocante aos assuntos de ensino". Vê no substitutivo contra as idéias falsas na educação "Uma espécie de homenagem a valores básicos à Igreja Católica, dos quais

compartilham a maioria dos brasileiros. No fundo, porém, — diz ele — ocorre uma subversão. O Estado Democrático deixa de consagrar a filosofia da educação **que lhe é própria** (grifos nossos), substituindo-a por outra que lhe é adversa, embora professada, confessionalmente, por quase toda a Nação" (Florestan Fernandes, "Em defesa da escola pública, II". "O Estado de São Paulo", 6-2-60).

5. Ignoram, todavia, os adeptos da educação **laicista e laicizante** e da sua falsa filosofia o sermos possuidores pelo menos quadricentenários de outra filosofia da educação (a verdadeira) anterior ao Estado liberal e democrático: a filosofia formadora da Nação; começa com as ordens religiosas, e especialmente os jesuítas, que dirigiam "escolas públicas", no século 16. Formava os homens para a Vida Total e não só "para a democracia" que hoje cada qual entende de um jeito, desde o róseo liberal até ao nazista e os rubros bolchevistas e seus demo-populares.

Do resultado da "filosofia democrática do ensino", **laicista e laicizante**, aí estão as imoralidades generalizadas em tôdas as classes e até na adolescência e juventude. Da tradicional, testemunha o liberal Tristão de Alencar Araripe, tratando do Brasil Provincial ou Português, errada e oficialmente denominado "colonial":

— "Tal era a administração civil e criminal da capitania (do Ceará) nos tempos coloniais (sic).

"E ao terminar este capítulo não podemos preterir uma observação. Causa admiração como em tão vasto território e no seio de tão disseminada população, mantinha o governo a ordem social e o policiamento dos povos.

"Só explicamos o fenómeno pelo influxo da religião, a qual actuando eficazmente sobre os indivíduos, diminuía a necessidade da contínua acção da autoridade civil. Vemos, que hoje IO autor escrevia em meados do século 19) os meios da autoridade são imensamente maiores; e só pela incessante vigilância e coerção dessa mesma autoridade consegue-se a paz social, que nem por isso difere muito da desses tempos da nossa pristina administração pública em seus efeitos gerais.

"Se hoje tivéssemos a mesma salutar influência religiosa por via de um sacerdócio moralizado, o governo necessitaria de menos acção repressiva, e teria facilidade de aplicar a outros ramos da felicidade geral tantos esforços empregados no policiamento das localidades. A MORAL RELIGIOSA SUPRIA O EMPRÉGO DA ACÇÃO FÍSICA" (História do Ceará, Fortaleza, 1958, 2.ª edição).

Pedagógica e moralmente o Império representava uma decadência em relação ao Brasil Português, pois recebera já este, desde meados do século 18, a peste desfechada pelo liberal-déspota Marquês de Pombal, de que deriva a filosofia da educação do Estado democrático...

Portanto, "A escola leiga não é, no Brasil, uma aventura a correr. A deliquescência moral, com suas lastimosas repercussões na vida doméstica, profissional e política do país, por todos unanimemente observada e atestada, aí está a denunciar as conseqüências funestas de uma escola sistematicamente incapaz de formar as consciências para a fidelidade ao dever". (P. Leonel Franca, "Ensino religioso e ensino leigo", Rio, 1931).

6. Estultícia imperdoável é insistir em experiência fracassada. Cumpre afinal aprender, já que se errou. A tal filosofia democrática da educação só tem formado, em tôdas as classes da sociedade, imorais e play-boys ou teddy-boys como preferem os anglo-falantes.

Não pode a Nação, organismo vivo anterior ao Estado "democrático", permitir continue um perverso sistema a impor-se-lhe contra os seus supremos interesses. O substitutivo está certo. E nisso os deputados cumpriram o seu dever. Certos estamos de que o outro órgão legislativo fará o mesmo. Não se compreende o Estado contra a Nação, a esposar doutrinas abomináveis às suas crenças, à sua filosofia da vida.

7. Mas são uns engraçadinhos esses "democráticos"!

Não fomos nós que inventámos esse governo de "maiorias" que está aí, dotadas da faculdade de crear o bem e o mal com papeletas eleicoeiras. São elles, democratas, os autores das regras do jogo. Se, porém, as ditas os decepcionam, querem estrilar. E estrilam mesmo. Confessam no entanto que somos a **maioria**. Por que reclamam? Por que recorrem à violência contra direitos liqüidos?!

Na democracia (dizem) a maioria faz a lei. E querem que o Estado, simples delegação dessa Maioria, faça as leis contra os sentimentos, os pensamentos, a filosofia, a concepção dela. E, pior ainda, exigem que esse Estado, como se fôra um ser subsistente por si só, sem dar satisfação àquela de que é mero procurador, **lhe imponha**, como o fez de 1889 a 1930, a sua filosofia da educação, a sua filosofia da vida, o seu totalitarismo, dêle Estado "Democrático", o seu absolutismo pedagógico, a despeito do tamanho gasto da palavra liberdade.

Pura tirania, puro estatismo, pura atitude maçônica, marxista, fascista, nazista, socialista ou comunista, pois são todos esses, com a sua "democracia", farinha do mesmo saco.

8. Iludem, apesar disso, a mocidade, generosa sempre, as mais das vezes ingênua, mas também hoje (excluídas as raras excepções), interessada em proventos imediatos — mal do ambiente nimio materializado, — subcultura, inculta e ignorante dos grandes problemas fundamentais. Dadas essas circunstâncias e outras mais convergentes, seria até possível, mercê da atmosfera pre-eleitoral da campanha "dirigida" do Escuro interessado, voltassem atrás os legisladores sem carácter, sem fibra e demagógicos... contra os verdadeiros interesses nacionais, tanto mais quanto os donos da matinação acenam para uma gratuidade do ensino que aliás se não confunde **necessariamente** com absolutismo pedagógico estatal. Escola pública é uma coisa... e não está em questão. Absolutismo escolar do Estado é outra. E calamitosa!

Bem sabem disso... e doutras coisas os donos da campanha.

E também nós sabemos...

Para nós são segredos de polichinelo.

Derrotados na França idênticos "donos" de lá, repete-os a macacada "democrática" do Brasil.

Cuidado, senhores macacos! Já não são possíveis, cá no Brasil, as velhas tiranias hipócritas. Estão mudando os tempos.

